

Jorge Luis Borges

A Memória de Shakespeare
e
Nove Ensaíos Dantescos

Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra

 QUETZAL | série Jorge Luis Borges

A MEMÓRIA DE SHAKESPEARE

25 de agosto de 1983

Vi no relógio da pequena estação que eram as onze da noite já passadas. Fui caminhando até ao hotel. Senti, como noutras vezes, a resignação e o alívio que os lugares muito conhecidos nos infundem. O largo portão estava aberto; a quinta, às escuras. Entrei no vestíbulo, cujos espelhos pálidos repetiam as plantas do salão. Curiosamente, o dono não me reconheceu e estendeu-me o registo. Peguei na caneta que estava presa à secretária, molhei-a no tinteiro de bronze e, ao inclinar-me sobre o livro aberto, aconteceu a primeira surpresa das muitas com que naquela noite me depararia. O meu nome, Jorge Luis Borges, já estava escrito, e a tinta, ainda fresca.

O dono disse-me:

– Pensei que o senhor já tivesse subido.

Depois olhou bem para mim e corrigiu-se:

– O senhor desculpe. O outro é tão parecido consigo, mas, o senhor é mais novo.

Perguntei-lhe:

– Qual é o quarto que ele tem?

– Pediu o número dezanove – foi a resposta.

Era o que eu tinha receado.

Larguei a caneta e subi as escadas a correr. O quarto 19 ficava no segundo andar e dava para um pobre pátio descurado onde havia uma varanda e, lembro-me, um banco de jardim. Era o quarto mais alto do hotel. Abri a porta, que cedeu. Não tinham apagado o candeeiro. Sob a luz impiedosa, reconheci-me. De costas, na estreita cama de ferro, mais velho, enfraquecido e muito pálido, estava eu, com os olhos perdidos nas altas molduras de estuque. Chegou-me a voz. Não era precisamente a minha; era a que costume ouvir nas minhas gravações, ingrata e sem matizes.

– Que estranho – dizia ela –, somos dois e somos o mesmo. Mas nada é estranho nos sonhos.

Perguntei assustado:

– Então, tudo isto é um sonho?

– É, tenho a certeza, o meu último sonho.

Com a mão mostrou o frasco vazio sobre o mármore da mesa de cabeceira.

– Vais ter muito com que sonhar ainda, antes de chegar a esta noite. Em que data estás?

– Não sei muito bem – disse-lhe aturdido. – Mas ontem fiz sessenta e um anos.

– Quando a tua vigília chegar a esta noite, terás feito, ontem, oitenta e quatro anos. Hoje estamos a vinte e cinco de agosto de 1983.

– Ainda é preciso esperar tantos anos – murmurei.

– A mim já não me resta nada – disse ele com brusquidão. – Posso morrer a qualquer momento, posso perder-me no que não sei e continuo a sonhar o dobro. O tema já desgastado que os espelhos e Stevenson me deram.

Senti que a evocação de Stevenson era uma despedida e não um gesto pedante. Eu era ele e compreendia. Não bastam os momentos mais dramáticos para ser Shakespeare e encontrar frases memoráveis. Para o distrair, disse-lhe:

– Sabia que isto te ia acontecer. Aqui mesmo há uns anos, num dos quartos de baixo, começámos o esboço da história deste suicídio.

– Sim – respondeu-me lentamente, como se juntasse recordações –, mas não vejo a relação. Naquele esboço eu tinha arranjado uma passagem de ida para Adrogué, e, já no Hotel Las Delicias, eu tinha subido até ao quarto dezanove, o mais afastado de todos. Tinha-me suicidado ali.

– Por isso é que estou aqui – disse-lhe.

– Aqui? Estamos sempre aqui. Aqui estou a sonhar contigo na casa da Rua Maipú. Aqui estou, a partir, no quarto que foi da mãe.

– Que foi da mãe – repeti, sem querer entender. – Eu sonho contigo no quarto dezanove, no pátio de cima.

– Quem sonha com quem? Eu sei que sonho contigo, mas não sei se estás a sonhar comigo. O hotel de

Adrogué foi demolido há já tantos anos, vinte, talvez trinta. Quem sabe.

– O sonhador sou eu – repliquei com um certo desafio.

– Não te apercebes de que o fundamental é averiguar se há um único homem a sonhar ou dois que sonham um com o outro.

– Eu sou Borges, que viu o teu nome no registo e subiu.

– Borges sou eu, que estou a morrer na Rua Maipú.

Houve um silêncio, o outro disse-me:

– Vamos fazer a prova. Qual foi o momento mais terrível da nossa vida?

Inclinei-me sobre ele e falámos os dois ao mesmo tempo. Sei que os dois mentimos.

Um ténue sorriso iluminou o rosto envelhecido. Senti que aquele sorriso refletia, de algum modo, o meu.

– Mentimos um ao outro – disse-me ele –, porque nos sentimos dois e não um. A verdade é que somos dois e somos um.

Esta conversa irritava-me. Assim lho disse. Acrescentei:

– E tu, em 1983, não vais revelar-me nada sobre os anos que me faltam?

– O que posso dizer-te, pobre Borges? Repetir-se-ão as infelicidades a que já estás habituado. Ficarás sozinho nesta casa. Tocarás nos livros sem letras e no

medalhão de Swedenborg e na bandeja de madeira com a cruz federal. A cegueira não é uma treva; é uma forma de solidão. Voltarás à Islândia.

– Islândia! Islândia dos mares!

– Em Roma, repetirás os versos de Keats, cujo nome, como o de todos, foi escrito na água.

– Nunca estive em Roma.

– Também há outras coisas. Escreverás o nosso melhor poema, que será uma elegia.

– À morte de... – disse eu. Não me atrevi a dizer o nome.

– Não. Ela viverá mais do que tu.

Ficámos silenciosos. Prosseguiu:

– Escreverás o livro com que sonhamos há tanto tempo. Por volta de 1979 compreenderás que a tua suposta obra não passa de uma série de esboços, de esboços em miscelânea, e cederás à vã e supersticiosa tentação de escrever o teu grande livro. A superstição que nos infligiu o *Fausto*, *Salambô*, o *Ulisses*. Enchi, incrivelmente, muitas páginas.

– E no fim compreendeste que tinhas fracassado.

– Algo pior. Compreendi que era uma obra-prima no sentido mais esmagador da palavra. As minhas boas intenções não tinham passado das primeiras páginas; nas outras estavam os labirintos, as facas, o homem que se julga uma imagem, o reflexo que se julga verdadeiro, o tigre das noites, as batalhas que voltam no sangue, Juan Muraña cego e fatal, a voz de Macedonio, a nave

feita com as unhas dos mortos, o inglês antigo repetido nas tardes.

– Esse museu é-me familiar – observei com alguma ironia.

– Além disso, as falsas recordações, o jogo duplo dos símbolos, as longas enumerações, a boa manipulação do prosaísmo, as simetrias imperfeitas que os críticos descobrem com alvoroço, as citações nem sempre apócrifas.

– Publicaste esse livro?

– Joguei, sem convicção, com o melodramático propósito de o destruir, talvez pelo fogo. Acabei por publicá-lo em Madrid, sob pseudónimo. Falou-se de um torpe imitador de Borges, que tinha o defeito de não ser Borges, de ter repetido o exterior do modelo.

– Não me surpreende – disse eu. – Todo o escritor acaba por ser o seu discípulo menos inteligente.

– Esse livro foi um dos caminhos que me conduziram a esta noite. Quanto ao resto... A humilhação da velhice, a convicção de já ter vivido cada dia...

– Não escreverei esse livro – disse eu.

– Escrevê-lo-ás. As minhas palavras, que agora são o presente, serão apenas a memória de um sonho.

Incomodou-me o seu tom dogmático, sem dúvida o que eu uso nas minhas aulas. Incomodou-me o facto de nos parecermos tanto e que ele aproveitasse a impunidade que a proximidade da morte lhe dava. Para me vingar, disse-lhe:

– Tens assim tanta certeza de que vais morrer?

– Sim – replicou-me ele. – Sinto uma espécie de doçura e de alívio, que nunca senti. Não consigo comunicar isto. Todas as palavras requerem uma experiência partilhada. Porque é que parece incomodar-te tanto o que te digo?

– Porque nos parecemos demasiado. Não gosto da tua cara, que é a minha caricatura, não gosto da tua voz, que é um arremedo da minha, não gosto da tua sintaxe patética, que é a minha.

– Eu também – disse o outro. – Por isso é que resolvi suicidar-me.

Um pássaro cantou no canto do quarto.

– É o último – disse o outro.

Com um gesto chamou-me para junto dele. A sua mão procurou a minha. Recuei; temi que as duas se confundissem.

Disse-me:

– Os estoicos ensinam que não nos devemos queixar da vida; a porta da prisão está aberta. Sempre assim o entendi, mas a preguiça e a cobardia retardaram-me. Aqui há uns doze dias, eu estava a dar uma conferência em La Plata sobre o livro sexto da *Eneida*. De repente, ao escandir um hexâmetro, soube qual era o meu caminho. Tomei esta decisão. A partir daquele momento senti-me invulnerável. A minha sorte será a tua, receberás a brusca revelação, no meio do latim e de Virgílio, e já terás esquecido totalmente este curioso diálogo profético,

que decorre em dois tempos e em dois lugares. Quando voltares a sonhá-lo, serás o que sou e tu serás o meu sonho.

– Não o esquecerei e vou escrevê-lo amanhã.

– Ficarás no fundo da tua memória, debaixo da maré dos sonhos. Quando o escreveres, acreditarás urdir um conto fantástico. Não será amanhã, ainda te faltam muitos anos.

Deixou de falar, compreendi que tinha morrido. De uma certa maneira eu morria com ele; inclinei-me atormentado sobre a almofada e já não havia ninguém.

Fugi do quarto. Lá fora não havia o pátio, nem as escadas de mármore, nem a grande casa silenciosa, nem os eucaliptos, nem as estátuas, nem o coreto, nem as fontes, nem o portão de gradeamento da quinta na povoação de Adrogué.

Lá fora esperavam-me outros sonhos.